

CATEGORIZAÇÃO E MULTIFUNCIONALIDADE. LÉXICO E GRAMÁTICA

CATEGORIZATION AND MULTIFUNCTIONALITY.
LEXICON AND GRAMMAR

MARIA HELENA DE MOURA NEVES
Instituto Presbiteriano Mackenzie
Universidade Estadual Paulista-Araraquara
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Brasil
mhmneves@uol.com.br

Os estudos linguísticos sempre se pautaram por um estabelecimento de categorias para a língua, apesar da evidente diluição de fronteiras que existe e que deve ser admitida. A indicação se refere especificamente às categorias estabelecidas nos estudos gramaticais das línguas, mas fica inevitavelmente implicada a classificação do léxico, e, por essa via, a organização de dicionários, tanto na macroestrutura como na microestrutura. É particularmente importantes nessa discussão o conceito de categorização (e prototipia).

Palavras-chave: *léxico, gramática, dicionário, categorização*

Linguistic studies have always been oriented by the categorization of language, despite the obvious existing and undeniable fuzziness of the borders between linguistic categories. This statement specifically applies to the categories established as result of study of the grammar of languages, but it also unavoidably implies the classification of the lexicon, and, through the latter, the organization of dictionaries, both in terms of macro and microstructure. Thus, the concept of categorization (as well as prototype) is particularly important to this discussion.

Keywords: *lexicon, grammar, dictionary, categorization*

1. INTRODUÇÃO

Recibido
30/03/10
Aceptado
24/04/10

Começo pela afirmação de que o melhor consulente de um dicionário é aquele que conhece a gramática da língua (e das línguas). Obviamente, não me refiro ao

conhecimento de regras gramaticais prescritivas, mas aludo ao conhecimento interiorizado da língua que a relacione com o acionamento da linguagem, e, portanto, com o acionamento de categorias cujos membros se atualizam em processos de organização dos enunciados, vale dizer, em processos gramaticais, entendida a gramática como uma integração dos componentes sintático, semântico e pragmático.

Várias entidades acabo de invocar, e cada uma delas tem de ser avaliada nas suas regularidades e nas suas marginalidades, ou seja, ao mesmo tempo temos de vê-las estabelecidas em um sistema autosustentado e temos de vê-las a derramar-se nas bordas, que só assim a visão do seu acionamento no fazer da linguagem pode operar-se sem zonas não preenchidas, sem brechas e sem fissuras, ou seja, cumprindo realmente as funções da linguagem. Afinal, instável que é, entretanto o sistema da língua nunca abriga desequilíbrios.

Para examinar exatamente a característica difusa das fronteiras no campo da linguagem em seus diversos aspectos, vou passar a um exame prático que se fará, com o cotejo entre dicionários de diferentes tipos e orientações.

2. A CATEGORIZAÇÃO

O carro-chefe das reflexões nessa questão são as categorias, e por isso delas parto. Lá estão no dicionário as codificações (geralmente em abreviaturas) que atribuem a cada entrada uma categoria gramatical, numa compartimentação que, necessariamente, abstrai o uso efetivo, definindo-se como potencialidade. Pensemos no modo como a indicação da categoria é vista pelo consulente do dicionário, que é, naturalmente, usuário da língua, e, por isso mesmo, acionador da gramática da língua: essa indicação é vista, em princípio, como carimbo de pertença irrestrita a uma classe de entidades e como catalogação rígida, e, assim, de recorte inerte e definitivo.

Não questiono a microestrutura dos dicionários canônicos, que obviamente têm de seguir nessa direção, já que, em toda a arte de lidar com a linguagem (em que pese a ciência que lhe dê suporte), é necessário decidir por um oferecimento de categorização que organize as entidades sob certos critérios, o que, aliás, ocorre em qualquer organização de campos, na visão humana das entidades. O que trago a discussão é a noção do que possa significar a adoção de tais rótulos,

se está pretendida uma visão que não se simplifique na noção corrente que sustenta a sua aceitação: a noção de que, realmente, as categorias são estanques.

2.1. *O contínuo no léxico: de substantivos a adjetivos*

Vamos a uma exemplificação: se o leitor encontra em um dicionário geral de língua a catalogação dos termos *padrão* e *fantasma* como **Sm** (substantivo masculino), nada impede que ele veja aí contempladas as expressões *língua padrão* e *norma padrão*, *navio fantasma* e *cheque fantasma*, e isso ocorre porque, como usuário natural da língua portuguesa, ele tem interiorizada uma regra da gramática dessa língua segundo a qual um substantivo à direita de outro encaminha-se para um comportamento adjetivo, fazendo acréscimo de propriedade(s) ao feixe de propriedades que o substantivo da esquerda já carrega. Assim, nesses casos, propriedades de “padrão” e de “fantasma” são acrescidas aos feixes de propriedades que definem um determinado representante das classes “língua”, “norma”, “navio”, “cheque”. Essa reflexão gramatical é a que tem de operar, por si, o consulente de dicionários mais antigos, como o *Aulete* (1948) e o *Melhoramentos* (1964). Os contemporâneos *Aurélio* (1999) e *Houaiss* (2001), por sua vez, já sugerem regras de acionamento gramatical, além daquelas tradicionais regras de flexão e das indicações ortográficas dos dicionários tradicionais. Se passarmos para dicionários baseados nos usos (elaborados a partir de bancos de dados), veremos indicações gramaticais mais explícitas ainda: nesses casos referidos, o *Dicionário UNESP* (2004) fala em “associação” e o já rotulado como *Dicionário de usos do português do Brasil*, doravante *DUP* (2002), fala, mesmo, em “função adjetiva”.

Registrem-se as indicações encontradas¹:

Caldas Aulete e Melhoramentos

- **fantasma**: Sob a rubrica **Sm**, ou seja, na categoria “substantivo”, vêm apenas acepções.
- **padrão**: Do mesmo modo, o que se registra são só acepções, sob a mesma rubrica **Sm**.

¹ Esclareço que, em toda a exposição, transcrevo os registros encontrados nos dicionários buscando manter as formas gráficas encontradas (abreviaturas, símbolos, colchetes, parênteses, letras maiúsculas ou minúsculas, negrito, itálico, caixa baixa, etc.).

Como já observado, aí nada se indica sobre deslizamento de funções. Para os demais dicionários em que a questão já é tratada, faço adiante a transcrição do que interessa.

Houaiss

fantasma: Sm (...) ⊙ GRAM/ USO seguindo um subst., ao qual se liga por hífen², é um *determinante específico* e significa ‘fictício, não existente, criado esp. para iludir o fisco’ (*empresa-fantasma, conta-fantasma*).

padrão: Sm (...) ⊙ GRAM/ USO após subst., ao qual se liga por hífen, é um *determinante específico* invariável e significa ‘que serve de modelo’, ‘exemplar’ (*unidade-padrão, operários-padrão*); não se modifica no pl.

Aurélio

fantasma: Sm (...) [Posposto a outro substantivo ao qual se liga por hífen, este vocábulo tem valor adjetivo e significa ‘que existe apenas aparentemente, e/ou que existe apenas no papel, e/ou que esconde propósitos fraudulentos, etc.’: *empresa-fantasma, conta-fantasma*].

padrão: Sm (...) [Posposto a substantivo, este voc. tem valor adjetivo.]

DUP

fantasma: Sm (...) ★ [Função adjetiva] [*nome+~*] **7** falso; fictício: *temos preferido criar pequenos monstros e funcionários fantasmas, em lugar de indagarmos nossas necessidades* (AR-O) **8** imaginário; irreal: *os ansiosos temem a ameaça, esse perigo-fantasma, mas ao mesmo tempo a desejam* (NE) **9**. mal-assombrado: *o nômade garimpeiro abandona as corrutelas e arraiais fazendo surgir as cidades-fantasmas* (FN) **10**. fantasmagórico: *Vamos chamar o primeiro batalhão de marinheiros fantasmas* (PF)

padrão: Sm (...) ★ [Função adjetiva] [*nome+~*] **5** que serve de modelo; exemplar; prototípico: *Ela se firmou como um modelo padrão para as mulheres de todas as idades.* (VEJ) **6** uniforme: *Os trilhos são fabricados nos comprimentos padrão de 12 ou 18 m.* (EFE).

Dic. UNESP

FANTASMA **Sm** (...) ⊙ Associado a um S é invariável e equivale a: **(i)** falso, fictício: *Os projetos aprovados estariam favorecendo empresas-fantasma.* **(ii)** mal-assombrado: *Até hoje os navegantes contam histórias da nau fantasma.*

PADRÃO **Sm** (...) ⊙ Associado a um S é invariável e equivale a “que serve de padrão”, “que constitui modelo”: *operários padrão; famílias padrão.*

Desse modo, verifica-se, no *Houaiss*, que, com o rótulo “GRAM/USO”, cria-se, para o verbete, uma subseção que, em certa medida,

² A indicação sobre o hífen encontrada nesses dois verbetes do *Houaiss* (assim como ocorre no *Aurélio*), embora encaminhe para mudança de estatuto, não precisa entrar em questão neste estudo, por constituir, primordialmente, uma indicação ortográfica.

já relativiza a categorização inicial **Sm**, e dentro dessa subseção já categoriza explicitamente *fantasma* e *padrão* como “determinantes”³, se usados “segundo um subst.”; o *Aurélio* fala em “valor adjetivo” e o *DUP* fala em “função adjetiva”. O *Dic. UNESP*⁴, mais explicitamente ainda, vai à sintagmatização, falando da “associação de um substantivo a outro substantivo” (o da direita ao da esquerda, o que sugere dependência do segundo ao primeiro).

Nesses casos de *fantasma* e *padrão* a questão ainda permanece no campo das palavras lexicais (substantivo e adjetivo), mas é fácil ver que já se prenuncia a interveniência do processo de gramaticalização nos deslizamentos de funções e de significações que esses itens exibem, no seu funcionamento. E o processo de gramaticalização é uma das mais evidentes amostras da instabilidade do sistema e da difusão de zonas nas categorizações de entidades lingüísticas, tocando as relações entre léxico e gramática.

No extremo das gramaticalizações desse tipo, entra-se no terreno das lexias compostas. Cabe ressaltar, em todas essas questões, a interveniência direta das noções gramaticais nas decisões de apresentação lexicográfica. Para as lexias compostas (nas quais, aliás, o Houaiss inclui empresa-fantasma e conta-fantasma), cite-se uma determinação básica que provém da matriz construcional de origem, ou seja, da própria estrutura de formação⁵:

- a) Coordenação (cada elemento é independente, e o valor semântico do conjunto é a soma dos valores parciais): *editor-gerente*, *bar-restaurante*, *mesa-console*.
- b) Subordinação (há sempre um elemento determinado (nuclear) e um elemento determinante (periférico), e estabelece-se mais de um tipo de relação: atributiva (*tamanduá-bandeira*); objetiva (*porta-estandarte*); adverbial (*bem-aventurado*). O comum é a ordem determinante-determinado (*motosserra*, *miniposto*, *espaçonave*), e apenas nos compostos predicativos é típica a ordem determinado-determinante (*carro-chefe*, *palavra-chave*, *comício-monstro*).

Ora, verifica-se, pois, que a definição lexicográfica é função do tipo de estruturação (gramatical) assim como da ordem de colocação dos elementos (também gramatical), embora a informação dicionarística

³ Registre-se que esse tipo de informação não deve ter interpretação fácil do consulente de dicionário.

⁴ A indicação sobre a invariabilidade do segundo substantivo constitui uma evidência de que não se trata, realmente da categoria “adjetivo”, pois este concordaria com o substantivo que seria seu núcleo (o da esquerda), no caso de plural.

⁵ Ver Borba (2003: 22-25), de onde se retiram, inclusive, os exemplos.

se limite à indicação (que, na consulta ao dicionário, se entende como etimológica) do tipo $x + y$, de que é exemplo este registro encontrado no *Aurélio*: - **motosserra**. [De *moto-* + *-serra*.]⁶.

Quero invocar, ainda, um problema interveniente na definição das lexias compostas, que afeta tanto o dicionário como o manual de gramática: o tipo de indicação que a ortografia oficial determina (no caso, o novo *Acordo ortográfico*). Vejamos alguns casos em que o texto oficial que rege a ortografia vai ditar, ou pelo menos sugerir, a categorização gramatical que é levada aos dois tipos de obra, em cada um a seu modo.

Começemos com o que a Base XV do *Acordo* chama de “locuções”, por isso mandando grafar sem hífen os conjuntos: a) formas como *fim de semana* (substantiva), *à vontade* (adverbial), *a fim de* (prepositiva), *contanto que* (conjuncional) –que, realmente, são locuções; b) formas como *ele próprio* e *nós mesmos* (pronominais) –que, absolutamente, não são locuções. Ora, a ser levado em conta o que está indicado em b), seria de esperar que houvesse, nos dicionários, uma (sub)entrada para pronome pessoal + *próprio* e outra para pronome pessoal + *mesmo*, assim como há (sub)entradas⁷ para *fim de semana*, para *à vontade*, para *a fim* e *afim de*, e assim como há, mesmo, uma entrada para *contanto que*.

Da necessidade desse tipo de verificação fogem as construções fixas que se costumam entender, nos dicionários, como do campo da fraseologia, como *amarrar a cara* (dependência que eu catalogo como “recíproca”) e *arregalar os olhos* (“dependência unilateral”, segundo denominação de Borba (2003: 23). Nelas não me deterei, porque o peso gramatical da produção de sentido está visivelmente minimizado.

Mais complexas e mais dependentes de componentes fluidos são, ainda, construções como as que se fazem com verbos que se tornaram “leves”⁸ para apenas dar “suporte” às categorias gramaticais⁹, repartindo com o complemento a tarefa de responder pela acepção:

⁶ Faço uma ressalva para lembrar que, se a referência for à produtividade –e não à produção– dessas lexias, aí o território é determinantemente lexical.

⁷ Verificadas, por exemplo, no *Aurélio*.

⁸ Ver Duarte (2003).

⁹ A esses verbos tenho chamado de “verbos-suporte” (Neves 2002). Retiradas dessa obra citada (p. 191) são as ocorrências registradas a seguir, neste artigo.

se abrigado nos dicionários, o caso vai para a “fraseologia”; se na gramática, há uma categoria de verbos a contemplar:

- *E então o falante deu um riso e soltou a injúria suprema.*
- *Aí então resolvi dar uma investida de leve.*
- *Tenório dá uma olhada no jornal.*
- *O povo começou a ter confiança em que o voto era sua arma.*

2.2. O contínuo na gramática

Até aqui, falei de palavras consideradas, propriamente, lexicais, ou palavras de significação externa, mas também no território das palavras consideradas gramaticais as mesmas questões afloram, guardadas as devidas proporções. Ou seja, também no campo já rotulado como da “gramática”, ficam evidentes, no caso em exame, uma propriedade e um processo sempre presentes na vida das línguas em função. São eles, respectivamente: a) a gradualidade existente no estabelecimento de categorizações, resultante do caráter fluido das fronteiras entre as categorias (a diluição de fronteiras); b) a forte tendência de encaminhamento dos itens para funções (mais) gramaticais (a gramaticalização).

Essas são duas noções centrais em todas as reflexões que aqui se fazem, com exame de alguns compartimentos do funcionamento gramatical. O exame se centra, agora, apenas nos quatro dicionários contemporâneos citados.

Tomemos, neste ponto, o campo das relações adverbiais, especialmente no território das orações adverbiais (não completivas / não integradas), e examinemos, como amostra, a conjunção *quando*¹⁰.

No *Houaiss*, o verbete *quando* abriga as categorias advérbio e conjunção. Na categoria “conjunção”, que é a que interessa nesta seção, vem apresentada uma subclassificação, oferecendo-se algumas conjunções / locuções conjuntivas sinônimas¹¹ (com exemplos):

- quando** (...) ■ *conj. 2 conj. sub.* introduz oração subord. adv., dando ideia de:
2.1 conj. temp. tempo: durante o tempo que, no tempo em que, sempre que;
 enquanto <*q. chove, fica em casa*> **2.2 conj. prop.** proporção: à medida que,
 ao passo que <*q. iam entrando em casa, tiravam os sapatos*> (...) **2.3 conj.**
cond. condição: se, acaso <*q. achava bom, ia em frente*> (...) **2.4 conj. concs.**

¹⁰ É absolutamente pertinente lembrar que essa conjunção já veio formada do latim.

¹¹ Trata-se do procedimento o lexicográfico de fornecimento de acepções sinônimas.

concessão: ainda que, apesar de que <costuma convidá-la para jantar, q. sabe muito bem que ela está de regime>.

No *Aurélio*, o verbete quando também abriga as categorias advérbio e conjunção, sem que se ofereça uma subclassificação desta última categoria, ficando a apresentação limitada à listagem de acepções¹² (com exemplos):

quando. (...) • *Conj.* **2.** No tempo em que; no momento em que: ☞ “Quando chegaste, os violoncelos / Que andam no ar cantaram hinos” (Alphonsus de Guimaraens, *Obra poética*, p. 212); (...). **3.** Ainda que; mesmo que; se acaso¹³: ☞ “–De maneira que te sacrificas a um desejo nosso? | Quando fosse sacrifício, fá-lo-ia de boa cara; mas não é.” (Machado de Assis, *Helena*, p. 180) (...) **4.** Apesar de que: ☞ “Puseram-nos no almoço manteiga, rabanetes e azeitonas, quando nós só comemos azeitonas.” (França Júnior, *Folhetins*, p. 288). **5.** V. *ao passo que* (2): ☞ *Eles têm todas as regalias, quando nós temos só os encargos.* (...).

O *DUP* abre o verbete *quando* categorizando-o como conjunção, com subclassificações subsequentes, acompanhadas de acepções¹⁴ (e de exemplos, sempre abonados):

quando *Conj.* [**Subordinativa. Temporal**]: **1** na ocasião em que: *Camus tinha 29 anos quando escreveu essas palavras em seu caderno de notas* (FSP); (...) **2** no momento em que; assim que; logo que: *Quando o sino da fazenda anunciou onze horas, largou o trabalho e se dirigiu para casa* (ATR) (...) **3** sempre que: *você me disse que quando pensa que vai morrer, que sua filha vai morrer, que as árvores vão morrer, você não consegue sair da cama* (OMT) [**Condicional**] **4** se: *e eu daí entrei pensando nos momentos de renovação, nos cigarros que fumávamos seguindo a cada bolha envenenada de silêncio, quando não fosse ao correr das conversas com cafezinho* (U) (...) **5** desde que; uma vez que; se¹⁵: *A criança é considerada curada quando não apresenta sinais de leucemia nos cinco anos seguintes* (FSP) (...) [**Concessiva**] **6** apesar de que; ainda que; embora¹⁶: *Mas com isso estou dando voltas e*

¹² Também aí se trata do procedimento lexicográfico de fornecimento de acepções sinônimas, agora sem rótulos categoriais.

¹³ Registre-se a estranheza de, nesse compartimento 3, haver, misturadas, acepções concessivas e acepção condicional, e de novamente haver um acepção concessiva no compartimento 4.

¹⁴ Também aí se trata do procedimento lexicográfico de fornecimento de acepções sinônimas, agora rotuladas por subcategoria.

¹⁵ Há um problema nessa sinonímia de *quando* com *desde que* e com *uma vez que*, locuções que, quando condicionais, se constroem com subjuntivo, o que não é levado em conta aí. Com indicativo elas são causais, e o *DUP* não abriga a categoria causal para *quando*.

¹⁶ Do mesmo modo há um problema na sinonímia de *quando*, agora com *apesar de que*, *ainda que* e *embora*: só *apesar de que* se constrói com indicativo, tal qual *quando*; as demais locuções se constroem com subjuntivo, o que dificulta assimilar-se pacificamente o exemplo oferecido.

mais voltas quando o que eu queria é entrar os umbrais do Faria e voltar ao colégio dos sábados-domingos cinema, visita e rua (CF)

O *Dic. UNESP*, sem fazer subcategorizações, dá a *quando*, além dessas mesmas acepções, a de “desde que”, “uma vez que”, com o exemplo (no modo indicativo, portanto de valor causal): *O Seguro Bagagem é válido quando a passagem é adquirida com o cartão.*

A observação atenta das diversas acepções (e exemplos), rotuladas gramaticalmente ou não, mostra que as fronteiras são muito fluidas, chegando-se, nos diversos dicionários, a categorizações não coincidentes, sem que se possa sempre dizer que existe “erro” de decisão aqui e ali. O que se observa é, manifesto, todo um processo natural dentro daquela zona que se convencionou chamar de gramaticalização: vê-se, dentro já da esfera gramatical, o valor sair de um campo mais concreto (tempo) para um mais abstrato (condição e concessividade). E o que é mais importante, vê-se a indicação desse fato já abrigada em dicionários, em diferentes medidas e com decisões nem sempre coincidentes: alguns com apresentação que registra indicações gramaticais, outros permanecendo na indicação lexicográfica de sinonímia.

Centrando o foco da análise no tipo de deslizamento categorial, podemos verificar que o que não seria de esperar seria o contrário: por exemplo, uma conjunção prototipicamente condicional como se deslizar para um valor causal / factual (menos abstrato que o hipotético), ou, mais ainda, para um valor temporal (menos abstrato que o causal). Entretanto, no *Dic. UNESP* (lá no final do verbete), vem atribuído à conjunção se o significado de “já que”, “uma vez que” (portanto, causal), com o exemplo: *Se você sabe tudo, por que está perguntando?* Na verdade, trata-se da condicionalidade factual, mais próxima, sim, da causalidade, mas que – para mim – fica ainda claramente no território da condicionalidade. Ou seja, pode-se considerar que essa classificação como causal seja forçada, imprecisa (e, para mim, é), mas ela constitui o atestado de que um analista da língua –o autor do verbete– assim pôde sentir o funcionamento do item. Tal não é, de fato, a condicionalidade prototípica, que é de eventualidade, de hipoteticidade, de dúvida, de subentendido: afinal, de disjunção (ou isso ou aquilo). Configura-se algo que estaria mais perto, sim, da (con)junção do que da disjunção, algo como *Você sabe tudo e está perguntando?*. Seria, portanto, algo já próximo, sim, da causalidade, daí a decisão do verbetista.

Observe-se que, no *DUP* (lá no final do verbete), encontramos para a conjunção *se* o significado (menos abstrato, ainda) de “quando” (portanto, temporal), com este exemplo: *Se já não eram as histórias infantis de castelos encantados e fadas, eram romances, na maioria emprestados por Frau Wolf* (ASA). Novamente – critique-se ou não a classificação – não há como fugir a uma explicação que apele para a facilidade de deslizamento de significado e de função, ou seja, para a ausência de limites rígidos na categorização.

O próprio *Houaiss* (que é um dicionário ortodoxo, embora moderno e teoricamente sustentado) traz *se* como conjunção temporal (além de condicional e integrante), com o exemplo (aliás, duvidoso): *se fala, irrita a todos*, e também traz *se* como conjunção causal, com o exemplo (também nada convincente): *se você tem carro, por que ir a pé?*.

O interessante é que nem aí se desmente a sistematicidade do processo, porque nessas frases, com a conjunção *se*, novamente não está a condicionalidade prototípica (que, como já observado, é de eventualidade, de hipoteticidade, de dúvida, de disjunção). O que está aí é, mais uma vez, uma “quase” condicionalidade: uma condicionalidade factual, próxima da causalidade, que é de factualidade, de certeza¹⁷, afinal, de (con)junção (*isto e aquilo*), e, por aí, altamente ligada à temporalidade, portanto, mais próxima do concreto.

Em todos esses casos, é de notar que, mesmo o dicionário que elimina ao máximo indicações propriamente gramaticais (por exemplo, subclasseificações categoriais), vai revelar, pelo próprio registro da sinonímia lexicográfica, que operou uma categorização gramatical.

Ainda no campo da junção adverbial, tomemos as locuções conjuntivas para insistir em uma consideração da diferença natural que se verifica entre dicionários gerais de língua (da lexicografia ortodoxa) e dicionários montados sobre usos, no tratamento do processo de gramaticalização. Vejamos *já que* [no verbe *já*] e *visto que* [no verbe *visto*], nos quatro dicionários contemporâneos em exame.

Houaiss

já (...) • **já que** dado que, visto que, uma vez que <*já que todos foram embora, não há razão para permanecermos aqui*>.

¹⁷ De “pressuposição”, pelas leis perceptivas (Peirce 1987; García 1994; Neves 2010).

visto (...) ● **v. que** dado que, já que, uma vez que, porquanto <*v. que ele está doente, não irá à festa*> <*não comprou a casa, v. que não tinha dinheiro suficiente*>. ¹⁸

Aurélio

Já. (...) ◆ (...) **Já que.** Visto que; uma vez que; dado que: ☞ “As três graças atenienses têm nomes amáveis, **já que**, na Grécia, tudo é jovem e jucundo.” (Martins Fontes, *A Dança*, p. 12); ☞ “**já que** aqui está, / Não nos recuse a honra que dará à nossa mesa...” (Domingos Carvalho da Silva, *Liberdade embora tarde*, p.22).

Visto. (...) ◆ **Visto que.** Dado que; porquanto: ☞ *Visto que* você não quer ir, ninguém vai.

DUP

já (...) ★ [Núcleo de construção conjuncional] [*~+que*] 9 introduz oração subordinada adverbial causal; uma vez que: *A mama mandou dizer que já que a senhora tirou metade da pomada pode ficar com o resto* (ANA)

visto (...) ★ [Núcleo de construção conjuncional] [*~+que/como*] 6 introduz oração subordinada adverbial causal: *devo ser de outro ramo, visto que nunca me deram um pio.* (B) *o batalhão embarcaria no dia seguinte, visto como não tinha podido organizar nenhuma resistência.* (CRU). ¹⁹

Dic. UNESP

já (...) ■ (i) compõe locução conjuncional – j. que – que introduz oração subordinada adverbial causal ~ uma vez que: *O Cabo precisava mesmo de gente de fora, já que os da terra não faziam nada.*

visto (...) ► **v. que/como** introduz oração subordinada adverbial causal; já que: *Visto que não estudei, fui reprovado. Visto como a estrada está péssima, iremos de jipe.* ²⁰

Na comparação, vê-se que, enquanto os dicionários da lexicografia ortodoxa registram, canonicamente, a locução e suas acepções, os

¹⁸ Observe-se que essas indicações para a locução *visto que* vêm logo em seguida a esta categorização de *visto* como preposição, uma indicação, bastante arrojada e apenas adotada nesse dicionário: ■ *prep.* 7. por causa de, em razão de <engordou demais, v. não ter seguido a dieta prescrita> (ver quadro, mais adiante). Cabem ainda duas observações quanto à apresentação dessas duas locuções conjuntivas no *Houaiss*: a) *visto que* é dado como sinônimo de *já que*, mas o inverso não acontece; b) só em *visto que* o exemplo usa abreviatura para o elemento *visto* (v.), uma questão apenas de normatização lexicográfica, mas que fica aqui registrada.

¹⁹ Quanto a esse dicionário, cabem duas observações: a) para *visto que* não se registra acepção, mas para *já que* registra-se a acepção “uma vez que”; b) em *visto que*, acrescenta-se uma indicação categorial absolutamente incorreta: *visto* vem classificado como advérbio, com exemplo em que o termo introduz oração infinitiva: • Adv [Causa] 7. por causa de: isto é irrelevante, visto serem necessárias altas doses (ANT).

²⁰ Quanto a esse dicionário, cabem três observações: a) tais indicações vêm logo após o elemento *visto* ter sido tratado como Adj.; b) para os dois verbetes a formulação é semelhante, mas o nível de subverbetização é diferentemente colocado; c) para *já que* ocorre uma marcação (i), que representaria ordenação de itens, mas não existe, de fato, uma itemização.

baseados em usos oferecem, ainda, uma indicação gramatical: “núcleo de construção conjuncional” (*DUP*) e “compõe locução conjuncional” (*Dic. UNESP*). Verifica-se, assim, que a microestrutura do *Houaiss* e do *Aurélio* tem base exclusivamente na sinonímia dos itens, enquanto os dois dicionários montados sobre usos explicitam funções: o *DUP* cataloga cada um dos termos de entrada, *já* e *visto*, como “núcleo de construção conjuncional” (das construções *já que* e *visto que/como*, respectivamente), enquanto o *Dic. UNESP* diz, tanto de *já que* como de *visto que/como*, o seguinte: “introduz oração subordinada adverbial causal”. No caso de *já que*, essa indicação vem precedida da indicação, também gramatical, de que o termo de entrada, *já*, “compõe locução conjuncional” (*já que*).

2. 2. Do léxico à gramática

2.2.1. As preposições acidentais

Passemos a um compartimento nitidamente transicional, iniciando com as consideradas “preposições acidentais”, nome já bastante significativo. A seguir vem um quadro que resume a categorização que encontrei nos quatro dicionários contemporâneos consultados para elementos que têm recebido essa classificação:

	<i>Houaiss</i>		<i>Aurélio</i>		<i>DUP</i>		<i>Dic. Unesp</i>	
	Adv	Prep	Adv	Prep	Adv	Prep	Adv	Prep
afora ^(iv)	x	x	x	x	x	x	x	x
como ^(v)	x		x		x	x	x	x
conforme ^(v)		x	x			x		x
consoante ^(v)		x		x		x		x
exceto ^(vi)		x		x		x		x
exclusive	x	x ⁽ⁱ⁾	x		x		-	-
fora	x	x	x	x	x	x	x	x
inclusive	x	x ⁽ⁱ⁾	x		x		x	x
não obstante	x ⁽ⁱⁱ⁾	x ⁽ⁱⁱ⁾	x ⁽ⁱⁱ⁾	x ⁽ⁱⁱ⁾	x	x	x	x
salvo ^(iv)		x		x		x		x
senão ^(vii)		x		x		x		
visto		x			x ⁽ⁱⁱⁱ⁾			

Quadro 1 – Categorização gramatical das chamadas “preposições acidentais”

Várias observações gerais podem ser feitas logo de início:

- apenas 2 desses elementos são colocados, em todos os dicionários, nas duas categorias (preposição e advérbio): *afora* e *não obstante*;
- 6 elementos (50%) são categorizados em todos os dicionários como preposição: *afora*, *consoante*, *exceto*, *fora*, *não obstante* e *salvo*; *senão* deixa de ser categorizado como preposição apenas no

Dic. UNESP; *conforme*, apenas no *DUP*; *como*, no *Houaiss* e no *Aurélio*; *inclusive*, no *Aurélio* e no *DUP*; os menos contemplados como de tal categoria são *exclusive* e *visto* (com apenas apenas 1 indicação, a do *Houaiss*).

- c) nenhum dos 12 elementos deixa de ser categorizado, em pelo menos 1 dicionário, como preposição;
- d) 5 desses elementos são categorizados como advérbio em todos os dicionários: *afora*, *como*, *fora*, *inclusive*, *não obstante*; 4 deles não são categorizados como advérbio em nenhum dos dicionários: *consoante*, *exceto*, *salvo* e *senão*; 1 deles não é assim categorizado em apenas 1 dicionário (*Dic. UNESP*); e 2 deles são assim categorizados em apenas 1 dicionário: *conforme* (apenas no *Aurélio*) e *visto* (apenas no *Houaiss*).

Resumindo, os dicionários veem esses elementos muito mais como preposição do que como advérbio. De fato, a natureza participial de base de alguns deles (*consoante*, *exceto* e *salvo*) os encaminha para uma gramaticalização na direção prepositiva, e não adverbial. Entretanto, a natureza participial de outro deles (*não obstante*) deixa aberta uma direção adverbial (ao lado da direção prepositiva) da gramaticalização, dada a estrutura argumental do verbo de base (*obstar*).

Por outro lado, a natureza já adverbial de outros (*fora* e *afora*, além de *senão*) também encaminha para uma gramaticalização na direção prepositiva (de relações mais abstratas do que as do advérbio). De fato, *fora* e *afora*, como circunstanciais valenciais de base que são (acionadores de uma estrutura argumental, com implicação de um complemento), facilmente passam a um uso juntivo (de preposição). Verifica-se que esses dois elementos são categorizados como preposição em todos os seis dicionários (também *Aulete* e *Melhoramentos*, além dos que estão no quadro), enquanto *senão* é assim categorizado em três deles (o *Dic. UNESP* e também *Aulete* e *Melhoramentos* não o contemplam como preposição). Também de *senão* se pode dizer que sua origem se liga a uma expressão adverbial (condicional).

A seguir, procede-se à explicitação das marcas numéricas de (i) a (vi) colocadas como chamadas no Quadro 1 e que podem interessar à apreciação.

(i) No *Houaiss* as entradas *inclusive* e *exclusive*, diferentemente do que ocorre nos outros três dicionários contemporâneos, não são

categorizadas, propriamente, como preposição, mas, para cada uma delas vem indicado que “pode ter uso preposicional”. *Inclusive* vem com as acepções (preposicionais) de “contando com, incluindo”, e *exclusive* vem com as de “sem contar com, tirante, salvo, fora”.

(ii) No *Houaiss* e no *Aurélio* *não obstante* vem incluído no verbete *obstante* (e relacionado com *nada obstante*), com as acepções indicadas a seguir.

No *Houaiss* está: a) apesar de, a despeito de; b) apesar disso; entretanto, contudo.

No *Aurélio* está: a) apesar de; b) apesar disso; entretanto; no entanto, contudo.

Assim, tanto no *Houaiss* como no *Aurélio*, a acepção a) registra sinonímia com elementos da categoria “preposição”, e a acepção b) registra sinonímia com elementos da categoria “advérbio” (do tipo juntivo).

(iii) No *DUP visto* vem categorizado como advérbio de causa, com a acepção “por causa de”, e com exemplos de claro funcionamento preposicional, como: *isto é irrelevante, visto serem necessárias altas doses* (B). Vem, ainda, como:

[**Núcleo de construção conjuncional**] [~ + que/como] 6. *introduz oração subordinada adverbial causal: devo ser de outro ramo, visto que nunca me deram um pio.* (B)

(iv) *Afora* e *salvo*

Além de preposição e advérbio, *afora* vem no *DUP* como

★ [**Núcleo de construção conjuncional**] [~ + que] 5. *introduz oração subordinada adverbial concessiva; a menos que: ...afora que surja um fato novo.*

Trata-se de uma classificação discutível. E também há uma imprecisão aí, porque o que corresponde a “a menos que” é *afora que*, e não, simplesmente, *afora*.

Do mesmo modo, *salvo* também vem no *DUP* como

★ [**Núcleo de construção conjuncional**] [~ + se] 5. *introduz oração subordinada adverbial condicional; a não ser que; a menos que: ...salvo se houver choque externo (FSP). Observa-se, novamente, que há uma imprecisão, porque o que corresponde a “a não ser que” e a menos que é salvo se, e não, simplesmente, salvo. –mh -cf*

★ [**Núcleo de construção adverbial**] [~ + quando] 8. *de repente: ...* ★ [**Núcleo de construção conjuncional**] [~ + que] 9. *introduz*

(v) *Como, conforme e consoante.*

• *Como*

No *Houaiss* o elemento *como*, além de advérbio, vem como conjunção subordinativa e coordenativa, com indicação de acepções (e com exemplos):

■ *conj. 4. conj. sub. ad, explicitando os “os valores circunstanciais” de: 4.1 causa; 4.2 conformidade; 4.3 proporção; 4.4 condição hipotética (seguido de se); 4.5 tempo; 4.6 comparação: 4.6.1 cotejo, equivalência; 4.6.2 comparação hipotética ou subjetiva;*

5. *conj. sub. intg, com o exemplo confessando-lhe c. haviam conseguido entrar;*

6. *conj. coord, explicitando que relaciona as orações por: 6.1 correlação (tanto/tão ... como: o filho possui tanta sensibilidade como o pai); 6.2 adição (na riqueza como na pobreza).*

Observa-se que a classificação do *como* de 6.1 (de comparação) como conjunção coordenativa contraria toda a tradição e requer uma justificativa. Além disso, as indicações sobre essa configuração de dois tipos de construções comparativas (comparar 6.1 com 4.6.1) não ficam muito claramente estabelecidas, pois a frase que vem como exemplo de *conj. coord.* em 6.1 (*o filho possui tanta sensibilidade c. o pai*) estaria perfeitamente abrigada em 4.6.1 (como *conj. sub. adv.* de comparação). Ressalte-se que o único exemplo aí registrado é *Confirme se ela vai c. disse seu irmão* (sem elemento adverbial na primeira oração, ou seja, sem correlação), mas, logo adiante, sob a rubrica GRAM / USO, *Houaiss* registra a indicação de que a “conj. comparativa” *como* “é usada depois de advérbios: tão, tanto, do mesmo modo, aparentes ou ocultos”. Observe-se, por outro lado, a estranheza que causa a atribuição do rótulo “conjunção integrante” ao elemento *como*.

No *Aurélio* o elemento *como* também vem como conjunção, mas sem nenhuma subclassificação, apenas com indicação de acepções (e exemplos):

Conj. 1. *Da mesma forma que. 2 Porque. 3 Desus. Logo que; quando. 4 P. us. Desde que, uma vez que; se. 5 no momento em que.*

No *DUP*, o elemento *como* também vem como conjunção subordinativa, com subclassificações, com indicação de acepções (e com exemplos), e ainda vem como conjunção coordenativa aditiva:

Conj. ★ [Subordinativa. Conformativa] **1** conforme; [Causal] **2** porque; [Temporal] **3** (*Obsol*) assim que, logo que; [Comparativa.] **4** igual a; **5** da mesma forma que; **6** tal qual; **7** tanto quanto; [tão, tanto[...]-] **8** quanto // [Integrante] **9** o quanto ★ [Coordenativa. Aditiva] [não só/penas[...]-+também] assim também; e.

Observe-se a estranheza que causa estar atribuída a acepção “igual a” (formulação de locução prepositiva) a um elemento rotulado como “conjunção”, e também a atribuição do rótulo “conjunção integrante” ao elemento *como*.

No *DIC. UNESP*, o elemento *como* também vem como conjunção subordinativa, com três subclassificações, e com indicação de acepções (além de exemplos):

Conj.[Subordinativa conformativa] **1** conforme: ... [Causal] **2** porque: ...[Comparativa] **3** da mesma forma que: ... **4** tal qual: ... **5** tanto quanto: ...

- *Conforme*

No Houaiss, além de advérbio, o elemento conforme vem como conjunção:

■ *conj. 10 conj. confr. de acordo com; como; segundo; consoante; 11 conj. temp. no momento em que; precisamente quando 12 à medida que; à proporção que.*

Observa-se que, para a acepção **12**, não há subclassificação atribuída (proporcional).

No *Aurélio*, o elemento *conforme* também vem como conjunção, sem nenhuma subclassificação, apenas com indicação de acepções (e com exemplos):

Conj. *6. segundo as circunstâncias; 7. como, segundo; 8. à medida que. à proporção que; 9. Bras. logo que: Conforme chegou, foi falando da viagem.*

No *DUP* e no *Dic. UNESP*, *conforme* vem como conjunção subordinativa conformativa, com duas acepções: como, segundo, consoante; na medida em que.

- *Consoante*.

No *Houaiss*, além de preposição, o elemento *consoante* vem como conjunção:

■ *conj. 11 confr. de acordo com; conforme; segundo.*

No *Aurélio*, a indicação de *consoante* como conjunção vem juntamente com a sua indicação como preposição, o que se reflete no fato de que as acepções atribuídas são comuns:

- **Prep. Conj.** 7. conforme, segundo.

No *DUP* e no *Dic. UNESP*, *consoante* vem como conjunção subordinativa conformativa, com as acepções: como; conforme.

(v) *Exceto*. Não vem como advérbio nem como conjunção em nenhum dos dicionários, e vem indicado no *DUP* como núcleo de construção conjuntiva [~+se], com a informação de que “introduz oração de natureza adverbial concessiva”.

(vii) *Senão*, que nunca é indicado como advérbio, e apenas no *Dic. UNESP* não é registrado como preposição, vem registrado como conjunção nos quatro dicionários do quadro.

No *Houaiss*:

■ **conj.** 1 *conj. alt. de outro modo; do contrário* <coma, s. ficará de castigo> 2 *conj. advrs. mas; mas sim; porém* <não obteve aplausos nem respeito, s. escárnio e menoscabo> ■ **prep.** 3 *com exceção de, a não ser; salvo; exceto* <todos, s. você, riram-se daquele tombo>

No *Aurélio*:

Conj. 1. *De outro modo; do contrário; aliás:* ☞ *Lute, senão está perdido*; 2. *Mas sim; e sim; mas, porém:* ☞ “por desgraça dele a primeira moeda grande que achara não era ouro nem prata *senão* ferro, duro ferro” (M. Assis, *Páginas recolhidas*, p. 61)
• **Prep.** 3 *Exceto, salvo; a não ser:* ☞ *Ninguém, senão os irmãos Correias comprou a cerimônia.*

No *DUP*:

Conj. ☉ [**Coordenativa. Adversativa**] 1. *de outro modo; caso contrário; do contrário:* Bem, agora vou fazer o café do meu amor, *senão* ele me come viva. (MC) [**oração negativa + ~**] 2 *mas sim; mas; porém:* A coroa não está interessada *senão* em retirar a maior parte possível do ouro extraído. (RET) ☉ [**Subordinativa. Condicional**] 3: *a não ser:* ia lutar contra quem, *senão* com um homenzinho de metro e meio? (DE)
• **Prep** 4 *exceto; salvo:* Ninguém poderia pensar noutra coisa *senão* no grave problema do assalto civilizado às regiões indígenas (ARR).

E o *DUP* acrescenta:

★ [**Núcleo de construção adverbial**] [~ + quando] 8 *de repente...* ★ [**Núcleo de construção conjuncional**] [~ + que] 9 *introduz oração subordinada adverbial condicional; a não ser:* ...que pensarei de vós *senão* que não me amais? (VES)

No *Dic. UNESP*:

Conj [Coordenativa. Adversativa] **1** de outro modo; caso contrário; do contrário: *Precisava terminar logo a tarefa, senão a mãe ficaria brava.* **2** em oração interrogativa ou precedido de oração negativa, introduz ressalva ou restrição ao que se interroga ou nega ~ a não ser: *Quem poderia defendê-la daquelas acusações senão o próprio marido?*

Como se vê, *senão* entra no *Houaiss* e no *Dic. UNESP* como conjunção coordenativa, entra no *Aurélio* como conjunção não especificada e entra no *DUP* como conjunção coordenativa e também como conjunção subordinativa, numa classificação bastante questionável. Este último caso, que se refere à aceção “a não ser”, recebe interpretação como preposição no *Houaiss* e no *Aurélio*, e como conjunção coordenativa no *Dic. UNESP*. Isso revela uma indecisão de critérios notável, o que, à parte o caso questionável de classificação como conjunção subordinativa, representa a existência de uma real fluidez categorial .

2.4. De verbo a juntivo

Um elemento que bem ilustra o processo que aqui se analisa, especialmente na ligação entre léxico e gramática, é *feito*, originariamente particípio passado do verbo *fazer*, e hoje muito em uso no Brasil como juntivo em comparações modais de igualdade (“do mesmo modo que/ como”): *Eu também já fui moça feito ela.* (Neves 2002:187).

Ninguém ousa dizer que *feito* seja verbo e seja conjunção comparativa ao mesmo tempo, mas os falantes satisfazem uma necessidade comunicativa com o uso desse item de base verbal, isolado, para comparar elementos postos como iguais, fazendo ao mesmo tempo indicação modal (digamos assim: como conjunção ao mesmo tempo comparativa e modal). A grande frequência desse uso de *feito* provavelmente se deve ao fato de que *como*, a conjunção de mais ampla aplicação tanto na subclasse comparativa de igualdade qualitativa como na subclasse modal, e ainda em outras subclasses, à força de abarcar numerosas aplicações, carece da especificidade necessária e de transparência em certos contextos.

Todos os seis dicionários examinados, desde os dois mais antigos, categorizam *feito* como conjunção (elemento gramatical):

◆ No *Melhoramentos*: *feito*. Conj. Pop. Como, tal: Chorou *feito* criança.

- ◆ No *Houaiss*: ³**feito** (...) ■ *conj. 10 conj. cp. B* como, do mesmo modo que, tal qual <*trabalha f. burro de carga*>
- ◆ No *Aurélio*: - **feito**² (...) • *Conj. 10 Bras.* Como; tal qual; que nem: 📖 *O menino berrava feito bezerro desmamado*; 📖 “A noite estava feito o dia”. (Herberto Sales, *O Lobisomem*, p. 44)
- ◆ No *DUP*: - **feito** (...) • *Conj [Subordinativa. Comparativa] 25* (Coloq) como: *Mas uma delas é clara feito água* (AFA).
- ◆ No *Dic. UNESP*: FEITO **Conj.** [Subordinativa comparativa] (*Coloq*) **12** como: *andava feito um sonâmbulo*.
- ◆ O *DUP* ainda registra *feito* como advérbio²¹ (o que seria outro percurso de gramaticalização do particípio): - **feito** (...) • *Adv [Modo] 26* diretamente: *A cera do juízo esquenta, se derrete, por dentro e o cristão entra feito nela, o seu inferno, de doideira.* (CJ)

Outro caso que constitui uma evidência muito interessante da passagem gradual de um item do léxico para a gramática (e sem que se possa dizer que tudo da categoria lexical de origem desapareceu) é o que se pode buscar em expressões do tipo de *seja x ou y*, como nesta ocorrência: *onde os loucos tenham pelo menos que respeitar o sossego noturno, seja ele de lua cheia ou não.* (AL). O que se observa, aí, é uma correlação (o que prevê dois elementos do mesmo estatuto), entretanto efetuada por um primeiro elemento que (a princípio) é de classe lexical (verbo: *seja*), e um segundo elemento que (a princípio) é de classe gramatical (conjunção: *ou*). Entretanto, uma reflexão sobre essa correlação facilmente remete a construções do tipo de *ou... ou* (estabelecida com a repetição de um item gramatical, da categoria “conjunção”) ou do tipo de *já... já* (também estabelecida com a repetição de um item gramatical, da categoria “advérbio”). Do mesmo modo ela remete a construções do tipo de *seja...seja*, ou *quer... quer* (ambas estabelecidas com a repetição de um item lexical, da categoria “verbo”). O que fica da reflexão é nada mais que a verificação de que itens evidentemente (mas não na mesma proporção) gramaticais (conjunção e advérbio) praticamente comutam, nesse tipo de construção alternativa correlativa, com itens que exibem forma lexical (de verbo), embora a característica flexional dessa classe lexical se tenha perdido, e reste uma forma cristalizada e invariável, gramaticalizada (*seja* e *quer*).

²¹ A classificação como advérbio é questionável, já que *feito*, no exemplo, é uma palavra variável: *os cristãos entram feitos nela*.

Basta observar, por exemplo, que o *Dic. UNESP* dá como sinônimos da correlação *quer...quer* tanto a correlação *ou...ou* como a correlação *seja...seja*.

Uma reflexão sobre o encaminhamento desse processo há de passar por uma série de variantes de expressões correlativas com efeito de sentido semelhante (disjuntivo, alternativo), nunca, porém, pragmaticamente idêntico. Isso é o que nos ensina qualquer apreciação que façamos das formulações reais, em seu contexto.

Uma primeira construção a ser apontada é a que explicita um conjunto de elementos responsáveis pela correlação (tanto um componente lexical como um componente gramatical da correlação): *mão de quem não dorme não fica acordada deste jeito, não tem este calor diferente que, seja meu ou seja dela, só pode vir de quem está se sentindo feliz com a gente*. Explique-se: aí a disjunção correlativa se explicita: (i) com a repetição do item lexical *seja* (claramente ainda um verbo copulativo / de ligação); (ii) com a marca de alternância (coordenativa) do item gramatical (uma prototípica conjunção coordenativa) *ou*.

Dessa construção se passa facilmente para outra que omitiria o segundo elemento lexical repetido (*seja*), e, mesmo dispensando-o, manteria o entendimento de uma correlação entre predicções do tipo nominal (com verbo cópula), algo como: *não tem este calor diferente que, seja meu ou dela, só pode vir de quem está se sentindo feliz com a gente* (DM). Ora, nessa construção: (i) ou não se invoca a existência de correlação (vale dizer, de duas marcas de relação conjuntiva alternativa), e, assim, se entende que haja uma elipse do *seja* na segunda parte; (ii) ou se entende que existe, sim, uma correlação (vale dizer, duas marcas de relação conjuntiva alternativa) e assim se dá ao *seja* remanescente o papel de primeira marca da correlação, e à conjunção *ou* o papel de segunda marca da correlação. Desse tipo é a redação que o próprio *Houaiss* faz quando oferece a acepção do verbo descobrir: “remover, tirar de (alguma coisa) aquilo que (a) cobre, **seja total ou** parcialmente”.

A reflexão pode prosseguir para verificar a grande funcionalidade que uma construção assim abreviada tem nas formulações populares, que, por natureza, muito ganham com a economia, como nesta ocorrência: *Procuro ajudá os otro, seja pobre ou rico, e não fazê mal p'ra ninguém, que volta em dobro p'ra cima da gente* (Sulema Mendes. Chagas, o cabra. Porto Alegre: Globo, 1965).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que este estudo colocou em relevo foi a existência de zonas de expressão de relações funcionais que encontram dificuldade quanto ao estabelecimento de fronteiras nítidas, no léxico e na gramática. Se a própria dicotomização entre coordenação e subordinação, tradicionalmente apresentada como tão segura e definitiva, tem podido receber tratamento teoricamente sustentado que a relativiza, mais ainda se diluem as fronteiras quando a investigação tenta particularizações que demandam critérios mais especificamente restritores, portanto de menor aplicabilidade. Dentro do que se convencionou chamar “subordinação”, vê-se uma zona de relações não tão “subordinadas” assim, a zona das relações adverbiais, de especificações mais evidentemente resolvidas na semântica que na sintaxe, por isso mesmo não fortemente decididas (Hopper & Traugott 1993; Lehmann 1988; Mathiessen & Thompson, 1988). Ainda dentro dessa zona tradicionalmente tida como de subordinação adverbial, vê-se o estabelecimento de relações de comparação, as quais, baseadas em cotejo, vão da igualdade à desigualdade fazendo a interpretação deslizar, num contínuo, pela conformidade, pela consonância, pelas restrições, pelas excepcionalidades, pela proporcionalidade, pela simples semelhança de modo de ser, pelo contraste, etc. No fazer da linguagem a comparação, que é evidência do processo organizatório básico da cognição humana – a discriminação –, aparece como independente de um estabelecimento coordenativo ou subordinativo das estruturas, e isso já revela por quantos rumos se procederá ao estabelecimento de cotejos no uso linguístico. É aí que se vê, por exemplo, o recurso à correlação, um procedimento estrutural extremamente funcional na obtenção de relevâncias na expressão, seja em coordenação seja em subordinação, escolha que tem de ser vista como absolutamente paralela. É por aí também que chegamos a encontrar um elemento como *quando* (de rótulo subordinativo) catalogado (embora estranhamente, reconhecemos) como conjunção coordenativa (*Melhoramentos*) no caso de, repetido, entrar a serviço do estabelecimento de uma alternância. Que eu saiba, não se chegou ainda a categorizar *seja* (em *seja...seja*) e *quer* (em *quer...quer*) como coordenadores, mas esse é só um passo que ainda não se decidiu dar na catalogação das categorias que compõem o recorte desse campo, porque salta aos olhos que o segundo *seja* e o segundo *quer* dessas correlações comutam facilmente com

a conjunção *ou*. São os desafios que a linguagem traz aos que têm a incumbência de atribuir rótulos categoriais (inertes) a uma entidade que vive exatamente de sua capacidade de organizar-se internamente com diluição de fronteiras, de ser multifuncional, de ser extremamente variável e (até) mutável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Borba, Francisco S. 2002. *Dicionário de Usos do Português do Brasil*, São Paulo, Ática [Cit. *DUP*].
- Borba, Francisco S. 2003. Organização de dicionários, São Paulo, UNESP.
- Borba, Francisco S. (Org.). 2004. *Dicionário UNESP do português contemporâneo*, São Paulo, UNESP [Cit. *Dic. UNESP*].
- Brasília (Distrito Federal). 1998. Decreto n. 54, de 21 de abril de 1995. Dispõe sobre a aprovação do texto do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990. *Diário do Congresso Nacional [da República Federativa do Brasil]*, Brasília, DF, Seção.2: 5837-5879.
- Caldas Aulete, F. J. 1948. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, 3ª ed., Lisboa, Parceria António Maria Pereira [Cit. *Aulete*].
- Duarte, Inês. 2003. Verbos leves, em Maria Helena Mira Mateus *et al.* *Gramática da língua portuguesa*, 5ª ed., revista e aumentada, Lisboa, Caminho: 311-314.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda. 1999. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*, 3ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira [Cit. *Aurélio*].
- García, Ángel López. 1994. *Gramática del español I*. La oración compuesta, Madrid, Arco Libros.
- Hopper, Paul Joseph & Elizabeth ClossTraugott. 1993. *E. Grammaticalization*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Houaiss, Antônio e Mauro de Salles Villar. 2001. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Objetiva [Cit. *Houaiss*].
- Lehmann, Christian. 1988. Towards a Typology of Clause Linkage. In J.Haiman and S. A. Thompson (eds.). *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam, John Benjamins: 181-225.
- Neves, M. H. M. No prelo. Gramática e ensino: de quando facilitar complica, em Dahlet, V. (Org.), *Colóquio LINDIL*, São Paulo, USP.
- Neves, M. H. M. 2010. A gramática: destinações funcionais e inter-relações, em Maria Célia Lima-Hernandez (Org.), *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*, São Paulo, Paulistana: 13-26.
- Neves, M. H. M. 2002. *Gramática. História, teoria e análise, ensino*, São Paulo, UNESP.
- Peirce, Charles. 1987. *Obra lógico-semântica*. Trad. Espanhola, Madrid, Taurus.
- Prado E Silva, Adalberto (Org.). 1964. *Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos*, 2ª ed., São Paulo, Comp. Melhoramentos de São Paulo [Cit. *Melhoramentos*].
- Rosch, Eleanor. 1978. Principles of categorization. In: Rosch, Eleanor and Barbara B. Lloyd (eds.), *Cognition and categorization*, Hillsdale, Lawrence Erlbaum Associates: 27-48.